

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

**F**rente à pancadaria sofrida pelo musical “Emilia Pérez” e a estrela Karla Sofía Gascón, em meio à sua corrida rumo ao Oscar (num indisfarçável e imperdoável exercício de transfobia), outro de seu realizador, o francês Jacques Audiard, considerado seu exercício autoral mais polêmico, ganha novos holofotes, agora no streaming. Coroado com a Palma de Ouro, “Dheepan – O Refúgio” tomou uma surra quando arrebatou o prêmio máximo do Festival de Cannes, há dez anos. À época, os irmãos Joel e Ethan Coen (diretores de “Onde Os Fracos Não Têm Vez”) eram presidentes do júri da Croisette e preteriram o (então) favorito - “A Assassina”, de Hou Hsiao-Hsien – em prol de Audiard.

O olhar sociológico que aquele produção trazia, desafiando as convenções teóricas das universidades europeias (e mesmo da imprensa), cercou-a de inimigos (e antipatia), mas não diminuiu o amor dos Coen. A dupla consagrou aquele thriller social e deu ao realizador parisiense uma honraria invejável. Agora, o filme está na Prime Video (da Amazon), onde abre novas discussões. É da natureza do cinema moderno - primeiro o neorealismo, depois o cinemanovismo e, na sequência, o boom documental dos anos 1990/2000 - assumir a vitimização como uma ferramenta para o revisionismo sociológico.

De “Ladrões de Bicicleta” (1948) a “Vidas Secas” (1963), do marxismo de Ken Loach (“Kes”) ao inconformismo de Walter Salles (em “Linha de Passe”), chegando à Nueva Onda latino-americana da década de 2000, diretores responsáveis por usar a câmera para “escrever” a poética política da exclusão retrataram pobres como vítimas, calcando-se em fatos, mas também num olhar paternal nietzschiano. Mais do que a opressão, a pobreza sugeria um estado de desamparo e imobilidade, calcado em personagens desprotegidos, à mercê da submissão.

A imobilidade financeira talvez até não comportasse metáforas, mas por que assumir uma imobilidade existencial nos personagens, como muito se fez? Essa é a questão que “Dheepan” abriu. E se essa lógica de paralelismo entre cordeiros e aves de rapina, entre periferia e centro, pudesse se inverter e, no lugar de um carneiro manso, a “vítima” das hipocrisias do assistencialismo, da indiferença do Estado e da invisibilidade econômica fosse um bárbaro selvagem, com total domínio da artesanaria da Morte, apto a lutar, atirar, manejar facões? É essa reflexão que Audiard trouxe em 2015, numa estrutura narrativa afi-



‘Dheepan’, ganhador da Palma de Ouro de 2015, ganha vulto mesmo com toda a polêmica envolvendo seu realizador, Jacques Audiard

## Refúgio para a **controvérsia**

Rachando opiniões e colecionando inimigos com ‘Emilia Pérez’, Jacques Audiard ganha nova vitrine no streaming para o thriller que lhe valeu a Palma de Ouro há dez anos, ‘Dheepan’

nadíssima com os códigos dos filmes de ação e também com a sociologia do Velho Mundo, aqui refinada por uma montagem regada a adrenalina.

Sua coroação com a Palma dourada foi mais do que honra ao mérito de sua percepção antropológica e de seu humanismo, mas também um (merecido) reconhecimento às contribuições de Audiard ao cinema de nosso tempo - em especial o cinema de sua pátria, a França. O cineasta é um campeão de bilheteria com interseções de gêneros como o drama carcerário com alma de filme de gangster “O Profeta” (visto por 1,3 milhão de franceses

Why Noit Productions/Divulgação

lhetim armado. Seu protagonista, Jesuthasan Antonythasan, é um escritor que, dos 16 aos 19 anos, integrou um movimento militante no Sri Lanka. Com uma retidão assombrosa, Antonythasan interpreta Dheepan, soldado com mais de uma década de mortes nas costas que decide virar as costas para os movimentos armados de seu país e tentar a sorte na Europa. Por um acordo político ilegal, ele precisa levar consigo a menina Illayaal (Claudine Vinasithamby) e a jovem Yalini (a indiana Kalieaswari Srinivasan), como se elas fossem sua filha e sua mulher. Ele aceita e inicia uma vida com as duas - sem muitos laços de afeto - na França, trabalhando como vendedor de bugigangas pelas ruas até assumir um serviço de zelador em um conjunto habitacional assolado pelo tráfico de drogas.

Além de impressionar pela conversão de um não-ator em uma força da natureza dramática, “Dheepan - O Refúgio” surpreende - e a surpresa aumenta quando o filme é visto uma segunda ou uma terceira vez - pela habilidade de Audiard em alterar o foco do nosso olhar. Ele converte o que parece ser uma crônica politizada sobre a acomodação de uma massa de desvalidos econômicos em um espetáculo belicista de grudar plateia na poltrona, com ecos de “Cidade de Deus” (2002). Dheepan trocou de pátria e de caminho, optando pelo Bem, mas não deixa morrer o matador que existia dentro dele. Mestre absoluto na Europa em representar confrontos a chumbo quente, como se vê em “Emilia Pérez”, Audiard cria sequências de combate padrão Stallone, com seu protagonista virando vigilante em nome de uma palavra cada vez mais ausente das relações sociais: o amor. No visual, a fotógrafa Éponine Momeceau (uma colorista de formação, com traquejo na seara documental) nos mostra uma França suburbana suja, poluída de dispersões e revivificada pelo colorido das peles de imigrantes que, como Dheepan, estão para desenhar uma nova realidade. Uma realidade mestiça e amorosa, como num cão que afaga, mas também sabe morder, sem precisar latir para isso.

Ímã de controvérsias por conta de declarações polêmicas de Karla Sofía Gascón, “Emilia Pérez” estreia no Brasil nesta quinta. Briga por 14 Césares, 11 Baftas e ao Goya de Melhor Filme Europeu. Tem 13 indicações ao Oscar, onde enfrenta “Ainda Estou Aqui” nas categorias Melhor Filme, Melhor Filme Internacional e Melhor Atriz. Na trama, um chefe do crime do México, Manitas (Gascón), recorre à uma advogada (Zoe Saldaña) para transicionar, assumindo identidade feminina. Regressa com o nome de Emilia e encara a violência dos cartéis, além de conflitos com a ex-mulher.



Gáscon e Audiard: apesar da ‘pancadaria’, ‘Emilia Pérez’ chega forte ao Oscar com 13 indicações

em 2009) e o melodrama com musculatura de thriller criminal “Ferrugem e Osso” (prestigiado por 1,8 milhão de pagantes na França em 2012). Este último está na Prime Video também. Outro de seus longas, “Paris, 13 Distrito”, está na MUBI.

São amostras do chamado “blockbuster de autor”: longas de risco na pesquisa formal que consegue falar com multidões e gerar boca a boca. “Dheepan” arrancou em seu primeiro mês em cartaz chegando à casa dos 548 mil ingressos vendidos no país natal do realizador, sem ter rosto famoso algum no qual se apoiar. Sua grife é sua estética: o fo-